

A VOZ DO OCEANO

Por Roberto Schima



SELO CONEXÃO LITERATURA

A U T O R

ROBERTO SCHIMA

Copyright © por Roberto Schima

Projeto editorial por Ademir Pascale

(ademirpascale@gmail.com)

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do
autor**

Obra protegida por direitos autorais

Ano: 2025

ISBN: 978-65-01-64814-9

SELO CONEXÃO LITERATURA

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O CAPÍTULO DESEJADO

PREFÁCIO, POR ADEMIR PASCALE, PÁG. 05

1 - PRINCESA DOS MARES, PÁG. 07

2 - A VOZ, PÁG. 08

3 - O BARRACO, PÁG. 09

4 - RATINHO, PÁG. 10

5 - TESOUROS NA PRAIA, PÁG. 14

6 - TIO ZAROIO, PÁG. 17

7 - ESTRELAS NÃO FALAM, PÁG. 22

8 - AREIA DO TEMPO, PÁG. 24

9 - A TEMPESTADE, PÁG. 25

10 - MANÉ, PÁG. 28

11 - APÓS A TORMENTA, PÁG. 30

12 - A VOZ DO OCEANO, PÁG. 34

13 - MANÉ E GRACINHA, PÁG. 43

14 - SEGREDO, PÁG. 45

15 - CAÇA E CAÇADORES, PÁG. 48

16 - CASA NOVA, PÁG. 50

17 - MAR DE HISTÓRIAS, PÁG. 51

18 - POEMA, PÁG. 55

NOTA DO AUTOR, PÁG. 56

BIOGRAFIA DE ROBERTO SCHIMA, PÁG. 57



A VOZ DO OCEANO

Por Roberto Schima



SELO CONEXÃO LITERATURA

PREFÁCIO

O mar sempre foi mais do que água e sal — é memória, é chamado, é destino. Em *A Voz do Oceano*, Roberto Schima conduz o leitor por uma viagem que começa na areia fina de uma infância simples e termina nas profundezas da alma de um homem que fez do mar sua vida. A história do pequeno Ratinho, filho único de um pescador, traz o frescor da brisa litorânea misturado à tensão das tempestades, revelando como a curiosidade e o encanto podem florescer mesmo em meio à preocupação e ao perigo.

Roberto Schima escreve como quem conhece o mar com intimidade, não apenas pelo que se vê na superfície, mas pelas histórias invisíveis que ele carrega. Nascido em São Paulo, neto de japoneses e praiano, Schima traz em sua bagagem cultural o amor pela fantasia, pelo terror clássico, pela ficção científica e pela poesia que se esconde nos encontros improváveis entre o real e o imaginário. Desde criança, colecionou monstros, aventuras e sonhos — agora, entrega ao leitor uma criatura misteriosa que surge entre detritos e redes rasgadas, mudando para sempre o destino do protagonista.

Esta não é apenas uma narrativa sobre o mar, mas sobre o chamado irresistível que molda quem somos. Como nas melhores histórias, o fantástico aqui não é fuga, mas um espelho para nossas próprias marés internas. Ao ler cada página, esteja preparado para sentir a mesma inquietação e fascínio que moviam Ratinho: a vontade de seguir adiante, mesmo sem saber o que pode emergir da próxima onda.

Roberto Schima é mais do que um amigo. Agradeço imensamente pelo convite para prefaciar esta excelente obra.

Ademir Pascale é paulista, escritor e ativista cultural, criador e Editor da Revista Conexão Literatura (<https://www.revistaconexaoliteratura.com.br>). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Publicou ao lado de Pedro Bandeira no livro “Nouvelles du Brésil” (França), com xilogravuras de José Costa Leite. Organizador do livro “Possessão Alienígena” (Editora Devir) e “Time Out – Os Viajantes do Tempo” (Editora Estronho). Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs. Entre a organização de suas antologias, estão os títulos “O Legado de Edgar Allan Poe”, “Histórias Para Ler e Morrer de Medo”, “Contos e Poemas Assombrosos” e outras. Escreveu a introdução do livro “Bloody Mary – Lendas Inglesas” (Ed. Dark Books). Contato: ademirpascale@gmail.com

Roberto Schima

À minha sobrinha
Mayumi Schima Mathias.
Que nenhum nevoeiro, por mais que tolde
sua luz interior, consiga apagá-la.

"Meu agradecimento ao amigo Ademir Pascale, sem o qual este belo e-book não seria possível. Se eu voltei a escrever foi por "culpa" sua, e serei sempre grato!"

*Na escuridão da noite,
a Voz do Oceano...
Ora um bramido,
Ora um murmúrio,
Ora um ronronar,
Ora um rugido.
No vai-e-vem do costado,
com o vento, os respingos...*



1 - PRINCESA DOS MARES

O "*Princesa dos Mares*" cortava as águas escuras.

Na proa, o comandante respirou fundo, sentindo-se revigorado. Era um homem alto, forte e bem apessoado em seu uniforme branco. Os cabelos negros mostrar-se-iam encaracolados, não fosse o corte rente e de acordo com as normas rígidas da Marinha. Seu olhar perdeu-se na superfície encrespada adiante, até ela diluir-se no horizonte. Voltou-se para sua mão direita. Abriu-a e, logo em seguida, fechou-a lentamente, como se segurasse algo, como se quisesse prender um objeto... ou, quem sabe, um momento. Levou-a ao peito, tateando até o pequeno volume sob a camisa. E, na visão de sua mente, um outro mundo gradualmente surgiu. Sua consciência tanto quanto seus sonhos sabiam: ah, não, ele jamais esqueceria.

2 - A VOZ

E eu corri diante da vida, julgando-me um velocista dos melhores. Entretanto, a vida — sempre parcimoniosa em suas pretensões — prosseguiu cálida, alcançando-me num suspiro, ultrapassando-me sem se fazer notar, sem a minha ambição; e, muito menos, minha arrogância. Apenas com a serenidade de quem tinha o Eterno por companhia.

E ela desfilou diante de meus olhos, transformando o Presente em Memórias sob o crivo do esquecimento.

Perguntei-me um milhar de vezes — mais até — se tudo aquilo não passara de devaneios de menino. Não uma realidade, não recordações, mas uma ilusão dos sentidos que nem a vida e tampouco o tempo, conseguiram dissuadir a me deixar.

Aconteceu de fato?

Mas havia aquele céu, aquele mar — o "verdadeiro horizonte", conforme dizia Tio Zaroio —, a ventania em meu rosto após a longa tempestade. Os destroços. E as gaivotas descrevendo seus círculos e espirais no ar ascendente, grasnando e grasnando.

E o olhar... Ah, aquele olhar!... De uma profundidade e transparência que o Oceano tentara em vão nos anos seguintes me fazer declinar.

E a voz... A sua Voz... Enfeitiçando-me os sentidos para sempre.

3 - O BARRACO

Ainda estava escuro e frio quando ao longe, de muito longe, do interior do abismo entre o sono e o despertar, ele ouviu algo. O ruído fez com que pensasse no cavernoso sopro de mar no interior das conchas, aquela lufada a atravessar os vãos estreitos das janelas. Depois, distinguiu cochichos, fragmentos de diálogo. O ranger da madeira. Outros ruídos. Então, lentamente, as palavras tornaram-se compreensíveis. Escutou seu pai dizer num sussurro firme, porém gentil:

— Já me vou, Gracinha.

— Volta cheio de peixe, Mané — respondeu o vulto da mãe junto a porta feita de tábuas sob um fio de luar. Como sempre fingia na voz melodiosa uma tranquilidade que não sentia. — Volta.

— Venho sim. Cuida do moleque.

Era uma cantinela familiar para o garoto franzino, e ele perguntou-se se isso não seria parte do sonho que tivera havia pouco. De sua cama, sentiu o frescor da madrugada vindo lá de fora; escutou a folhagem das palmeiras e dos coqueirais agitada pelo vento, e ouviu — mais distante e amortecido — o monótono quebrar das ondas na praia de areia branca e fina. Manteve os olhos cerrados. Não, "monótono" não; repetitivo sim, como a alternância sazonal do clima, contudo, monótono jamais. A seguir, mais sentiu que escutou o pai afastar-se no final da noite em direção ao velho trapiche, pisoteando a areia macia com os pés descalços, balouçando os seus apetrechos de pesca. E foi com o embalo do mar em mente — nunca monótono — que o menino voltou a dormir.

4 - RATINHO

Ainda era cedo quando despertou, mas a claridade já se infiltrava pelas incontáveis frestas do barraco em feixes de luz quase paralelos ao chão. Ergueu o corpo mirrado, espreguiçando-se. O estrado rangeu.

Inexistiam cômodos na rústica habitação. Era só um espaço grande com uma parte ou outra separada por tapumes baixos, às vezes fazendo-se de cabides onde eram penduradas camisas ou toalhas. Uma rede de dormir esticada num canto. Uma rede de pesca no outro. A rústica cama de casal. Uma mesa descascada acompanhada por cadeiras tão velhas quanto aquelas. Os maiores luxos eram uma estante improvisada de caixotes, onde a mulher guardava seus livros de segunda mão, a água encanada e o piso de tijolos coberto por uma fina e gasta camada de cimento. Tudo temperado pelo odor penetrante de peixe; ele estava em toda parte. O banheiro ficava do lado de fora a cinco metros do tanque de lavar roupa: um buracão cavado na areia, escorado por tábuas e caibros de todos os lados, encimado por um pequeno barraco de pau a pique.

Do lado oposto à cama do menino — uma armação de ripas e tábuas sob um colchão de palha —, D. Maria da Graça, a mãe, virou o rosto moreno enquanto fazia algo na pia. Ouviu-se o tilintar de louças e talheres. Ela ainda era jovem e de corpo bonito sob o vestido barato de estampas floridas, pois unira-se menina à Manoel. Sorriu, exibindo seus dentes perfeitos.

O garoto bocejou.

— Já de pé, Ratinho? Devia aproveitar as férias pra descansar mais.

— Eu vou aproveitar.

— Sei, sei... Catando mais porcarias na praia?

— Não são porcarias, mãe! — protestou, fazendo-se amuado, enquanto vestia a camiseta.

Ela riu.

— Claro que não são, Ratinho. Mas você já não tem porc... Já não juntou bastante?

— Nunca é demais.

— Sei, sei...

— Nunca!

Balançou a cabeça numa indignação fingida. Que melhor maneira haveria de aproveitar as férias do que levantar bem cedinho para percorrer a praia? Esticou o braço

fino e bronzeado e tirou de debaixo da cama uma das caixas de sapato apanhadas num terreno baldio. Som de chocalho. Dentro delas guardava as suas "porcarias". Ergueu a tampa. Observou a coleção num misto de carinho e reconhecimento: conchas, pedras, fragmentos de coral, ouriço-do-mar, mariscos, olhos-de-boi, cracas, um peixinho seco, um frágil esqueleto de bolacha-da-praia. Cada peça falava de expedições passadas, do clima na época e mais algum evento que, de alguma maneira, marcara a ocasião.

— Não são porcarias — repetiu. — São tesouros!

D. Maria da Graça sorriu, os cabelos ondulados e pretos derramando-se sobre os ombros de bronze.

— Claro, claro... "tesouros": trecos, bugigangas, tranqueiras e cacarecos.

— Tesouros!

— Certo, tesouros, Ratinho. Mas larga isso aí e vem tomar seu café com leite senão esfria. O pão torrado está quentinho.

Ele tinha um nome, naturalmente, porém, o apelido de "Ratinho" surgira antes mesmo que soubesse andar, embora algumas pessoas achassem ser por causa do seu costume de juntar porc... juntar tesouros. Nascera muito pequeno, e, com o passar do tempo, não crescera muito mais. O pai o apelidara de Sagui. A mãe não gostara e, inexplicavelmente, escolhera Ratinho, por mais que preferisse o primeiro animalzinho ao segundo. E Ratinho foi o que pegou. Isso nunca incomodou o garoto. Quem iria se incomodar de ter esse apelido, acompanhado do terno olhar que D. Maria da Graça sempre lhe reservava?

Todas as manhãs, após a maré baixar, Ratinho percorria as praias a cata de seus "tesouros" trazidos pelo mar: uma concha diferente, uma estrela-do-mar ressequida, um punhado de algas, mariscos, garras de caranguejo, um pedaço de galho morto salpicado de cracas, seixos, mexilhões, a espinha dorsal de uma barbatana... Sempre havia alguma novidade. Não importava que esses tesouros só tivessem valor para ele e sua curiosidade. Jamais se cansava. Ficava imaginando de onde teriam vindo, como seria a vida nas profundezas do oceano, o que haveria além da linha do horizonte, o misterioso mangue, coisas assim.

Havia a grandiosidade do céu matutino sobre a sua cabeça; a extensão do oceano, da praia e da mata a frente de seus olhos; o frescor do vento vindo do oceano; o farfalhar das palmeiras e a maciez dos incontáveis grãos de areia sob seus pés.

A brisa.

O cheiro ao mar.

A vegetação mais além.

Essas eram a sua riqueza, o seu mundo.

Não tinham etiqueta de preço e nem código de barra.

As surpresas ocasionais do mar eram um "bônus", uma preciosidade a mais em uma vida regada pela simplicidade e poucos bens pessoais.

E o mar nunca decepcionava, ainda que as surpresas não fossem sempre agradáveis, como o filhote de golfinho morto que encontrara certa vez, ou a carcaça de tartaruga marinha rodeada por meia dúzia de urubus, ou lixos de toda sorte abandonados pelo descaso dos turistas.

— Agora vou — disse de boca cheia, bochechas salpicadas de farelo.

— Termina de comer direito.

— Mas...

— E não fala de boca cheia.

Contrafeito, Ratinho mastigou tudo depressa, com uma má vontade fingida.

— Abre a boca que eu quero ver — disse a mãe.

Ele obedeceu, mostrando a língua mais do que o necessário, rindo em seguida.

— Está bem, moleque, cai fora. Mas já sabe: não se afaste muito e nem vai entrar fundo na água! Água...

— "... só até o joelho!" — completou ele.

— Isso, Ratinho. Cuidado com as águas-vivas! E faça bochecho no tanque!

Ele apanhou uma sacolinha plástica de supermercado, deu um beijo na mãe — sentindo o cheiro agradável de sabonete nos cabelos dela — e correu para fora do barraco.

D. Maria da Graça balançou a cabeça, enquanto lavava a louça e via o filho afastar-se do outro lado da janela. Costumava ler para ele e tivera a esperança de que o menino não fosse infectado pela paixão do mar como o pai, todavia, estava mais do que evidente que o ditado "Tal pai, tal filho" ali se fazia presente. Não por acaso, suas histórias prediletas eram *"A Iha do Tesouro"* e *"20.000 Léguas Submarinas"*. Suspirou. Pensou na filha, nascida um ano antes de Ratinho, porém levada tão cedo pela febre, antes até dela poder ter um nome e ser chamada de gente. Quem sabe, tivesse sido mais como ela própria, Maria da Graça, que amava a paz, a limpeza e os livros. Deu de ombros e afastou o pensamento, pois sabia, como das outras vezes, que a nada levaria, exceto tristeza.

Desviou os olhos do menino e mirou o horizonte. Pôde distinguir as velas brancas e triangulares de jangadas distantes e alguns barcos pesqueiros seguidos por gaivotas. Perguntou-se em qual dos barcos estaria Manoel, porém, as embarcações estavam longe demais para que se percebesse qualquer detalhe. Tornou a suspirar, imaginando como seria a vida na cidade grande, uma roupa limpa e sem remendos, xeretar lojas e livrarias, longe do penetrante cheiro de peixe.

5 - TESOUROS NA PRAIA

Ratinho parou de correr ao chegar à orla. Sentiu-se revigorado pela brisa vinda do oceano. As ondas estavam um tanto agitadas naquele dia. A pele arrepiou-se toda, todavia, ele estava mais do que acostumado e sabia que o calor do Sol não tardaria a chegar e espantar os últimos fiapos de nevoeiro. Sentiu os pés serem lambidos pela água do mar. Estava gelada, mas não se importou. Pegou um pouco d'água com as mãos pequenas e passou-o nos ombros e braços. Vira garotos maiores e homens feitos fazerem isso e, a princípio, não compreendera o porquê. Agora, já sabendo que era para o corpo ir se acostumando à temperatura mais fria da água antes de um mergulho, repetia o gesto mais como um ritual particular do que pretender desobedecer à mãe: era o seu modo de se autobatizar para o mar, de dar boas vindas e esperar ser bem-vindo por ele.

Não tardou a iniciar sua busca. Adorava caminhar lentamente pela areia, bem rente à água, onde as ondas vinham terminar de morrer num contorno de espuma. Revezava o olhar tanto para aquele incessante vai-e-vem quanto para o oceano adiante, as nuvens no céu e, naturalmente, para o que o maré deixara diante de seus pés. Sabia por experiência onde o capricho das correntezas favorecia o depositar das conchas, mas não tinha pressa de chegar nesses lugares. Todo o caminho tinha o poder de reservar surpresas. Às vezes, o mar desenhava estranhas formas na areia, semelhantes a diversos afluentes vistos de uma altura muito grande, entremeados por fileiras de dunas em miniatura. "É quando a maré escreve poesias", dissera-lhe a mãe certa ocasião, deixando-o confuso. Avistou filhotes de caranguejo fugindo rápidos a sua aproximação. Centenas de mariscos de carapaças triangulares enterravam-se na areia molhada. Um ou outro peixinho nadava feito raio prateado por entre as pequenas ondas, arriscando-se a encalhar. Sorte deles não haver uma ou mais garças por perto agora. Ainda na areia seca, observou um piolho-de-cobra. Movia-se aparentemente a esmo utilizando-se de suas inúmeras patas, contudo, viera do matagal lá adiante e atravessara toda a praia num trajeto errático que, proporcionalmente ao ser humano, equivaleria a vários quilômetros. Tudo isso para morrer afogada ou desidratada, senão de exaustão. Ratinho não entendia esse estranho comportamento. Não passava de um pequeno mistério entre tantos outros no mundo, no seu mundo a beira-mar. Apanhou uma concha rajada perto da toca de uma maria-farinha, observou-a por um instante entre os dedos e meteu-a na sacolinha plástica.

— Primeiro tesouro — murmurou.

Certa feita, indagara a sua mãe:

— Por que os turistas vêm jogar bola?

— Porque eles gostam de futebol — respondera D. Maria da Graça.

— Por que eles escutam música tão alto?

— Porque eles gostam de música — dissera ela.

— E por que não fazem isso na terra deles?

— Eles fazem!

Ratinho não compreendera. Ficava surpreso das pessoas se darem ao trabalho de virem de tão longe até o litoral para fazerem aquilo que, certamente, estariam fartas de fazer nas suas próprias cidades, em vez de vir à praia para admirar a rebentação ou preencher os olhos com a vastidão do céu ou sentir o vento trazer o mistério do oceano para dentro do peito. Ao invés de harmonizarem-se com a serenidade do lugar, traziam a bagunça da cidade com eles. Não conseguiam encontrar no céu ou no mar a profundidade e a paz que faltavam-lhes na alma.

— E por que são tão nervosos, tão zangados?

A mãe pensara um pouco antes de responder:

— A felicidade irrita os infelizes. Tem gente que é tão infeliz que só se sente bem vendo ou fazendo a infelicidade dos outros.

Ratinho tentou sentir dó, contudo, não conseguiu. Não gostava dos turistas, e, por tabela e sem conhecer, também não gostava das cidades. Talvez ele próprio ficasse nervoso se tivesse que morar naqueles prédios horríveis, tudo cheio de gente, conforme vira em jornais, em revistas e na televisão da Zezé, dona de uma mercearia próxima.

Ah, sim, Ratinho entendia que a sua família dependia deles para um aumento na renda. O pai, Manoel, poderia vender mais peixe. Até D. Maria da Graça colaboraria, fazendo uso da habilidade herdada da avó na confecção de cestos de palha e bordados, vendidos na feirinha de artesanato da praça. Mas, no seu entender, aqueles só desciam a serra para fazer baderna e emporcalhar as praias.

Olhou com desgosto para uma lata de cerveja amassada. Mais adiante, avistou o que parecia ser um prendedor de cabelo.

Respirou fundo.

O vento fustigava os cabelos cacheados.

Apanhou outra concha. Estava bastante desgastada, descolorida, cheia de orifícios. Mal lembrava uma concha. Adorou. Pensou no que ela teria passado e quanto tempo teria

levado para poder ficar assim. Do quê teria morrido o molusco? Havia uma história por trás disso. Meteu-a também na sacolinha, satisfeito.

— Segundo...

Felizmente, embora as férias escolares tivessem se iniciado, a horda de turistas ainda não tomara conta das estradas. As crianças da cidade eram particularmente terríveis: esnobes, mimadas, debochando de tudo e de todos. Detestava-as. Os idosos, embora fossem na maioria bem comportados, mostravam-se concorrentes na coleta matutina de conchas, e isso também aborrecia o Ratinho, embora não deixasse de sorrir diante da constatação deles terem levado uma vida inteira para poder apreciar algo que ele, ainda criança, gostava.

Passou por um velho boneco articulado. Estava sem cabeça, era todo verde e musculoso. Fez uma careta e seguiu adiante. Riu consigo lembrando o dia em que achara uma dentadura ou aquela outra coisa que, depois, disseram ser uma bombinha para asmático. Cada coisa que as pessoas perdiam na praia!

6 - TIO ZAROIO

O Sol principiara a encolher as sombras.

Então, algo chamou sua atenção por entre as conchas e bálanos de tonalidade clara deixados pela maré.

Agachou-se.

Parecia uma pedra preta.

Franziu a testa.

Não, não era uma pedra, embora fosse lisa e arredondada feito um seixo. Era leve demais em comparação, porém mais pesada do que a água do mar. Alguns pontos cintilavam à claridade, na medida em que ele a movia. Encontrou outras de diferentes formatos e tamanhos. Algumas não eram tão lisas. Outras eram maiores, quase do tamanho de sua mão. Achou uma com um vestígio de ostra incrustado nela, demonstrando ter ficado um bom tempo sob o mar. Intrigado, colocou-as junto às conchas que apanhara.

Sim, o oceano sempre trazia surpresas.

E histórias.

Mais tarde, já retornado com a sacolinha cheia pela metade de "tesouros", escutou.

— Ei, Camundongo!

Voltou-se na direção daquela voz, reconhecendo.

— Tio Zaroio!

— Vem cá, pivete. Vem tomar um suco.

Correu.

Tio Zaroio não era seu tio de verdade. Era um pescador aposentado, bastante estrábico do olho esquerdo e amigo de seu pai. O apelido "Zaroio" acompanhava o velho desde a infância, e havia muitas décadas que não o incomodava, pelo contrário, fazia tão parte dele quanto seus cabelos de um grisalho desgrenhado e as tatuagens esmaecidas. Apesar de aposentado, não deixara de trabalhar. Todavia, tivera mais sorte do que a maioria dos conhecidos seus. Conseguira economizar algum dinheiro e montar um quiosque. Agora, descarregava mercadorias, preparando-se para a vinda dos forasteiros.

— Como é que está, garoto? E o pai?

— Pescando.

O idoso estreitou os olhos. Ar de entendido, inspirou fundo, observou o mar e o nevoeiro a dissipar-se lentamente. Suspirou, lembrando por uns instantes um outro tempo, duro, porém saudoso.

— É, tá bom pra peixe. Lá, além do verdadeiro horizonte. Chééé, mas depois chove... Sinta o cheiro, pivete! E você, o que é que trouxe aí?

— Tesouros da praia.

— Ah, claro, os seus famosos "tesouros". Qualquer dia, quem sabe, descobrirá um baú pirata...

— Acha?

O pescador deu de ombros. Falou:

— Neste mundo de Deus, tudo é possível. Mas venha cá, tenho uma coisinha pra você. — Remexeu em uma gaveta. — Ah, aqui está. — Colocou no balcão do quiosque, diante do garoto que se sentara em uma banqueta.

— O que é isso, tio?

Era triangular e meio amarelado, tinha jeito de coisa velha.

— Ah, é antigo... muito mais velho do que você, pivete. Eu também gostava de colecionar tesouros da praia, sabia? E, quando virei pescador, continuei guardando uma coisinha ou outra que achava, que a rede trazia. Isto é um dente de tubarão.

Os olhos pequenos do Ratinho arregalaram-se.

— Nossa!

Já vira filhotes de tubarão serem vendidos na feira. Chamavam de "cação". Ratinho gostava de comer peixe, exceto cação: sua pele era áspera e a carne tinha cheiro de xixi. Os dentes de cação na feira eram minúsculos, menores do que uma unha, perto desse do Tio Zaroio. Tentou imaginar o tamanho do bicho. Ratinho já ouvira falar que os tubarões poderiam ser enormes, capazes até engolir crianças num bocado só. Esse aí, calculou, teria conseguido. Sentiu um arrepio escorregar por sua espinha.

Tio Zaroio prosseguiu:

— Este dente tava fincado numa garoupa que veio dar à rede.

— Verdade?

— Verdade. Não sei como, o danado sobrevivera ao ataque.

— Mas não à rede — lamentou o menino. Ratinho compreendia a necessidade da pesca, todavia, o seu amor pelo mar o fez amar os peixes também — por mais que

apreciasse um robalo na brasa. E esse era um conflito com o qual tinha e teria que lidar sendo filho de pescador e, conforme o futuro apontava, tornando-se pescador também.

Tio Zaroio coçou a barba grisalha e riu. Deu uma piscadela com o olho torto.

— Quem disse que não viveu?

— Como assim?

— Ora, moleque, eu arranquei o dente do lombo do peixe. A ferida já cicatrizara... E eu devolvi o danado ao mar, devolvi sim. Um camarada corajoso daquele merecia mais do que uma chance.

O menino sentiu vontade de abraçar o velho pescador.

— Que bom, tio!

— Ademais — confessou, enquanto coçava a tatuagem de uma *pin-up* no braço esquerdo — nenhuma dona de casa iria comprar uma garoupa machucada... Guarde, Camundonguinho: é seu. Lembre-se do peixe corajoso que lutou contra um tubarão e viveu pra contar a história.

— O mar tá cheio de histórias.

— Certamente. Use esse dente como uma lição: por maiores que sejam as agruras, enfrente a vida como o peixe enfrentou o tubarão, porque a vida é o maior tubarão de todos.

Sim, sim... sim! O Oceano era repleto de histórias. Decerto, Ratinho iria guardar aquele dente. E isso o faria se lembrar não só dessa história, mas do Tio Zaroio, do gesto dele em libertar o peixe e daquele momento juntos no quiosque. Mas... o que queria dizer "agrura"?

Então, espalhou os seus novos tesouros no balcão, enquanto o velho fazia um suco de acerola.

Viu as pedras pretas e aproveitou para perguntar:

— Tio, sabe o que é isso?

O velho pescador esticou o pescoço. Terminou de fazer o suco e deu-o ao menino, colocando o resto — o "chorinho" — em um copo para si próprio.

— O quê?

— Essas pedras pretas. Não parecem pedras.

Tio Zaroio apanhou algumas e começou a examiná-las nas mãos calejadas. Apalpou, cheirou, tentou riscar com a unha do polegar. Viu que conseguia rabiscar em um guardanapo, embora deixasse um traçado fraco, amarronzado. Depois, murmurou.

— E não são mesmo, menino.

— O que são? Vieram do mar?

O velho assentiu.

— Vieram sim. Do fundo, bem fundo, lá longe no mar — apontou casualmente. — Longe demais para a vista alcançar. E fundo demais para qualquer peixe, em seu juízo perfeito, ir.

— Mas o que é? — indagou impaciente.

Tio Zaroio franziu a testa bronzeada, fazendo multiplicar as rugas. Não pareceu feliz.

— Estão explorando petróleo, Camundongo, lá longe — voltou a apontar. — Um freguês de gravata me contou. Pode imaginar um cara de gravata e sapatos andando por aqui?

— Petróleo?

— Isso. Sabe o que é petróleo?

— Tem a ver com gasolina?

— Isso mesmo! Pivete esperto. Para chegar ao petróleo, eles precisam perfurar no fundo do mar. — Apontou o dedo para o balcão como se aquele fosse a broca; e este, o fundo do mar. — E quando falo fundo, é bem fundo mesmo, entende? Onde a luz do Sol não chega e o frio é perpétuo. O petróleo se formou há muito tempo, de restos de bichos mortos, peixes, baleias, talvez até de dinossauros!

— Dino...

— Dinossauros. Sabe o que são dinossauros?

Pensou um segundo.

— Lagartos gigantes?

Tio Zaroio mostrou-se surpreso.

— Ei, você é sabido de fato...

— Apreendi em casa e na escola.

— Muito bom. Continue estudando. Sim, lagartos gigantes, e isso aconteceu há milhões e milhões de anos. Eles foram enterrados, prensados, aquecidos, misturados, até se transformarem numa gosma negra, nojenta, fedida e grudenta: o petróleo. Acho que essas pedras pretas são um tipo de resíduo do petróleo como o piche. Algo mais concentrado que acabou ficando duro feito pedra, mas sem ser pedra.

— É mais leve.

— Sim, é mais leve que uma pedra. E, com a perfuração, deve ter escapado do fundo da terra para o fundo lodoso do mar. E a correnteza acabou trazendo para a praia. Isso também faz parte das histórias do mar... Uma grande história.

"Uma grande história."

Havia um tom de amargura na voz do pescador aposentado, testa ainda franzida. O olhar vesgo às vezes confundia o menino. Um leve odor de peixe ainda insistia em exalar daquele corpo magro e forte, cinzelado pelo tempo e curtido pela intempérie.

Ratinho falou:

— Tem um monte na praia.

— É complicado, Camundongo, muito complicado. Chééé! Falam que o petróleo poderá trazer prosperidade para a gente. Pra mim, eu acho que trará é problemas.

— Como assim, tio?

— Ricos sempre serão ricos. Já os pobres... sempre serão feito de tolos. O progresso não é muito democrático, pivete; os políticos, muito menos. Ah, deixa pra lá. — Deu de ombros, num riso forçado. — Você terá muito tempo para pensar nisso. Cada coisa a seu tempo. Vamos lá, termine o seu suco.

7 - ESTRELAS NÃO FALAM

Ratinho voltou para casa, fascinado e ansioso por contar a história para a mãe.

— Imagine só, mãe. Pedaco de dinossauro!

— Puxa...

— Gigante... Rosnando, esmagando tudo na floresta... Grrraaauuu!... Depois, enterrado na lama; a lama virando pedra. E o mar que cobre a pedra... Nas profundidad... Nas profundezas! Vinte... vinte réguas...

— Vinte mil — corrigiu ela.

— Vinte mil réguas...

— Léguas.

— Ah, mãe... *"20.000 Léguas Submarinas"*!

Havia uma espécie de mágica nisso, nas profundezas do mar, na enormidade de tempo envolvida que separava o menino daqueles imensos animais, o mundo em transformação, e em como, apesar disso, de algum modo lá estavam eles agora, juntos, reunidos após um labirinto sem fim de variáveis. Uma chance em um milhão... Um bilhão... Um trilhão! Profundezas... Tempo... Dinossauros... Mágica!

Mais uma história do mar. Uma grande, imensa e enorme história.

O menino mirrado falou sobre isso por um bom tempo, até D. Maria da Graça cansar de fingir interesse e, já sob a luz do lampião, lançar um último olhar à janela em direção ao mar às escuras. Não conseguiu divisar coisa alguma e o sentimento que isso despertava, curiosamente, convergia agora com a narrativa do filho: o de uma criatura gigantesca rugindo ameaçadoramente de dentro da escuridão. Ao menos no céu podia observar as estrelas e a Lua, entretanto, no oceano, quando não iluminado pelo luar ou por bioluminescências ocasionais, não via nada, somente trevas e a percepção de uma coisa densa e movediça vindo e indo, vindo e indo...

Ela suspirou e, um tanto casualmente, perguntou ao garoto:

— Você sabe por que as estrelas brilham?

Ele calou-se, deixando os dinossauros de lado. Por que as estrelas brilham? Porque sim! Sabia tanto a resposta quanto sabia o porquê das ondas quebrarem, do céu ser azul, das conchas sussurrarem em seu ouvido. O que eram aqueles pontinhos de luz comparados a dinossauros? Dinossauros! Deu de ombros.

— Não, mãe.

D. Maria da Graça esboçou um sorriso tenso, melancólico.

— As estrelas brilham porque não sabem falar.

Observou o olhar distante dela. Fitava-o, todavia, era como se ele fosse transparente. De vez em quando sua mãe falava coisas assim, misteriosas. Deixavam-no confuso e, simultaneamente, intrigado; às vezes, até assustado, mas não agora. Fazia-o sentir-se principalmente só, isolado de um mundo ao qual não pertencia e não conseguiria alcançar. Tão longínquo quanto, quanto... as estrelas. Hesitante, indagou:

— Se falassem... o que elas diriam?

O sorriso desapareceu. D. Maria da Graça comprimiu os lábios por um momento antes de responder:

— Acho que falariam da distância, do frio, de como é poder olhar seu semelhante sem nunca se tocarem.

Ratinho, agora deitado em seu colchão de palha junto à parede do barraco, procurou observar as estrelas através de uma fresta. Não conseguiu. Só sentiu o vento vindo de fora, um vento gelado que se tornava cada vez mais forte, assim como o barulho das ondas na escuridão. Lembrou-se do dia em que perguntara a mãe se as estrelas-do-mar seriam estrelas caídas do céu. Ela rira muito, fizera-lhe cafuné, todavia, não respondera. Ele tivera de aprender por conta própria. Julgara-se tolo. Ainda assim, não deixava de ter sua lógica: as estrelas-do-mar não queimavam porque, ao despencarem do céu — e ele já vira uns riscos de luz à noite! — apagavam-se no mar. Acomodou-se melhor sob o cobertor, procurando dormir, ainda relembrando as palavras da mãe. Pensou nos livros delas, todos velhos, cheios de letras, com seus mundos aprisionados.

As estrelas não sabiam falar... e tinham ido embora.

Na distância.

No frio.

Sem nunca se tocarem.

Tábuas rangeram sob o menino.

Perguntou-se se iria sonhar com tesouros do mar, dinossauros ou estrelas caídas.

8 - AREIA DO TEMPO

... Em minhas mãos, o punhado de areia principiou a escorrer lentamente através dos vãos entre os dedos. Por mais que eu os apertasse, diversos grãos, ainda assim, conseguiram escapar.

Desisti.

A areia, como o próprio fluxo da vida, não poderia ser aprisionada e nem tampouco detida.

Afrouxei as mãos e, respirando um novo fôlego naquele afã de liberdade, a areia correu rápida e livremente, esparramando-se com a ajuda do vento, indo juntar-se à praia indiferente.

Olhei para minhas mãos. Elas sempre foram pequenas, pequenas demais para tamanho sonhos que desejavam alcançar — tocar sim; prender, jamais — e esfreguei uma palma de encontro a outra a fim de livrá-las de vez de todos os grãos de areia.

Percorri o olhar adiante de mim, naquela faixa de litoral que parecia não encontrar fim... Ah, rimou! Sim, sim... e sim!

E ia longe, lá longe, aquela metáfora da vida, do tempo, dos sonhos perdidos, presentes e ainda por encontrar.

Deixei tudo aquilo para trás — como as minhas pegadas, que logo seriam apagadas pelas ondas que, por sua vez, também viriam a perecer fracas e diminutas, numa tênue mortalha de espuma — e retornei para casa, sentindo-me pequeno e vazio, sob a imensidão daquele céu de início de inverno, rasgado pela memória e por anseios aos quais era jovem demais para saber exprimir...

9 - A TEMPESTADE

A fúria chegou durante a madrugada.

Não se poderia dizer que deixara de dar seus avisos, pois dera. Contudo, o que poderia ser feito além da espera resignada ou, simplesmente, ignorada?

Tio Zaroio estava certo na sua experiência de vida de décadas como homem do mar, embora errasse na intensidade.

Um erro e tanto.

Não era somente uma chuva.

A tempestade veio sorrateira e súbita. Rolara volumosa e sinistra sobre o mar às escuras, denunciando-se pelos clarões dos raios entre as nuvens. Logo, os trovões fizeram-se ouvir como arautos do fim do mundo. As ondas tornaram-se maiores, mais rudes e mais próximas.

A "Voz do Oceano", conforme chamara D. Maria da Graça certa feita.

E o vendaval avançou em intermináveis açoites, chacoalhando os coqueirais e chapéus-de-sol, fustigando tudo em seu caminho.

Foi aterrador, como se um pesadelo saísse dos sonhos e desabasse sobre a terra.

O barraco todo sacolejava. Dava a impressão de que a cobertura seria arrancada a qualquer momento por uma mão gigantesca e enraivecida. Podia-se ouvir o rugir da ventania lá fora e até a ira das ondas a chegar com a maré alta. A areia arranhava de forma abrasiva as tábuas das paredes. Toalhas e roupas penduradas esvoaçaram. Um copo de vidro espatifou-se ao pé da pia. Livros caíram. Janelas estremeceram. O mundo enorme, familiar e acolhedor de lá de fora tornara-se subitamente desconhecido e perverso.

D. Maria da Graça quis gritar e chorar, entretanto, engoliu o choro e o grito, abraçada ao menino assustado, procurando confortá-lo. Já presenciara outros temporais, e, todas as vezes, tremera de medo. Odiava aquilo. Como odiava aquilo! Aquele temporal, porém, era de longe o pior de todos. Dava a impressão de que, a qualquer momento, iria arrebentar a porta e as janelas, e invadir a sua casa. Ah, como ela desejava viver na cidade, em uma casa quentinha e segura de tijolos, janelas de veneziana, com um quarto, uma cozinha e uma sala de verdade! Sim, sim, sim! Longe do mar, de sua força, de seus mistérios e de seus medos; longe do oceano que, todos os dias, deixava-a apreensiva quanto a segurança da família.

— Mané! — gemeu ela baixinho, junto a um trovão. — Mané!

Misericórdia, como estaria o marido no frágil barco em meio à ferocidade do oceano?

— Mané...

A noite foi longa, muito longa, um sonho ruim do qual não se conseguia despertar.

E o vendaval gritava em descompasso com as ondas. Um coral medonho de um milhão de vozes.

Ratinho tremia, encolhido junto à mãe. Amava o mar, todavia, nesses momentos, perguntava-se o porquê dele ter se zangado e por que se sentia bem fazendo a infelicidade dos outros. Seria ele infeliz? Talvez fosse por causa da imundície atirada em suas águas pelas pessoas, pelas cidades, pelas fábricas, pelos navios. "Não temos culpa!", berrou em pensamento, referindo-se a si e a D. Maria da Graça. Era como destruir todo um formigueiro por causa da picada de uma única formiga. Não fazia sentido. Bem, para ser sincero, muita coisa não fazia sentido no pequeno grande mundo de Ratinho.

Diante de seus olhos assustados, recordou-se rapidamente de outro episódio, ocorrido meses atrás: uma dissertação do vigário Lisboa em uma rara visita à capelinha da vila. Fora construída diante de um promontório, toda branca e encimada por um crucifixo de madeira. Ele falara sobre Noé, a arca e o Dilúvio. O clérigo era um homem forte de um metro e noventa — um gigante intimidador para Ratinho —, têmporas grisalhas e vozerio de trovão. Falara aos pescadores, artesãos e comerciantes sobre fé, reverência e submissão. Falara sobre os pecados da humanidade e a ira do Senhor. De todo o palavrório, o que talvez mais tenha surpreendido o menino não fora tanto o fato de Noé haver conseguido acolher em sua arca — palavra que Ratinho estranhara, afinal, arca era coisa de tesouros e piratas — um casal de cada espécie dos muitos milhares existentes pelo mundo. Isso, por si, já abrigaria uma série de "senões" da parte dele: Como couberam? Como Noé e sua família conseguiram construir tamanho barco? Quem o ensinou a fazer? Quantas árvores foram derrubadas por causa da madeira? Como fizeram os cangurus australianos? E os tamanduás brasileiros? Por que os dinossauros ficaram de fora? Como diferentes animais atravessaram rios, planícies, mares, florestas e desertos? Todos eles sabiam nadar? Como chegaram a tempo e simultaneamente o coelho e a tartaruga? Quem limpava o cocô de todos eles?

"... A terra, porém, estava corrompida diante de Deus, e cheia de violência..." — dissera o vigário. E, num crescente, de braços erguidos para o céu matinal, punhos cerrados, bradara às nuvens e ao imenso oceano estendendo-se a seus pés: *"... Porque*

eis que eu trago o dilúvio sobre a terra, para destruir, de debaixo do céu, toda a carne em que há espírito de vida; tudo o que há na terra expirará..."

Ratinho olhara para o lado e reparara em uma mãe com seus muitos filhos pequenos, um deles ainda no colo, dormindo. Ela acenava com a cabeça afirmativa e fervorosamente. Todavia, Ratinho atentara-se as crianças, especialmente ao bebê. Pensara no Deus irado com a violência dos homens e que, por isso, puniria a humanidade. Mas, e as crianças? O que elas teriam feito para serem sacrificadas se nem consciência do pecado possuíam? Combater a violência com uma violência infinitamente maior? Isso o intrigara, entretanto, nem isso fora o que mais surpreendera o filho de pescador, apesar da enormidade do horror representado.

Não.

O que mais deixara Ratinho admirado — senão chocado —, fora o gesto de Deus em eliminar os incontáveis milhões de membros daquelas espécies animais cujos casais obtiveram refúgio na arca, e que permaneceram do lado de fora. Sem mencionar toda a flora.

"... Porque, passados ainda sete dias, farei chover sobre a terra quarenta dias e quarenta noites, e exterminarei da face da terra todas as criaturas que fiz..."

Todas as criaturas.

TODAS as criaturas...

E por quê? Por causa de erros atribuídos a determinados indivíduos ou grupos de uma única espécie — a humana, feita, segundo a maior presunção dela própria, a Sua imagem e semelhança —, e a qual, ironicamente, tivera o privilégio de ver salvo mais do que um único par, uma família inteira. Não poderia ter Deus — "todo poderoso", não? — castigado somente os pecadores? Por que punir a tudo e a todos indiscriminadamente?

Ratinho não compreendera.

Não negar o milagre de um fato, não condizia com ignorar a arbitrariedade do ato.

Ratinho ficara imaginando e se perguntando como seria Deus, se Ele não fosse uma divindade de amor e compaixão... Tentara traduzir suas dúvidas em palavras, contudo, mesmo que o conseguisse, não teria encontrado coragem de enfrentar à fúria do gigantesco vigário Lisboa e, muito menos, a ira de Deus.

"Não temos culpa!", repetiu. "Não temos culpa!"

E um milhão de vozes continuou a rugir noite adentro.

10 - MANÉ

Foi um amanhecer pesado, cinzento e sinistro.

A tempestade se fora, contudo, a praia encontrava-se imersa no caos.

— Puxa vida! — exclamou Ratinho ao abrir a janela. — Dilúvio!

Sentiu o ar gelado no rosto e ouviu o grasnar de gaivotas mais além, invisíveis dentro do nevoeiro. Estavam nervosas. Quem não estaria? Ratinho ainda sentia o coração batendo inquieto dentro do peito.

A ventania calara-se, contudo, as ondas ainda estavam altas e quebravam com força, formando muita espuma, uma espuma esverdeada, de aspecto doentio.

A Voz do Oceano.

Piscou os olhos pretos por trás das pálpebras de cílios longos. Até onde sua vista conseguia alcançar, havia detritos por toda parte: montes de cipó entrelaçado, troncos de diversos tamanhos, tábuas, restos de rede de pesca, folhagens de palmeira, garrafas descartáveis, punhados esparramados de mato, pedaços de isopor, lixos diversos; pôde observar até um pedaço de remo. Milhares de folhas cobriam a areia. Uburus inquietos banqueteavam-se de peixes mortos. A névoa estendia-se feito uma muralha ou cobertor — alguns diriam mortalha —, permitindo ver somente a pouco mais de uma centena de metros. Além da rebentação, o oceano ainda agitava-se, encrespado até perder-se na bruma. Muito daquela sujeira viera do rio com certeza: a enxurrada nas partes altas descera, convergira para o rio e este, indolente na maior parte do tempo, arrastara numa torrente negra tudo o que pudera em seu tortuoso caminho até o mar.

— Nossa!

Dilúvio...

... mas Ratinho ainda estava alí. E sua mãe. E sua casa. E, apesar de tudo, o mar, sim o mar... ainda era o mar.

Fosse qual fosse a zanga de Deus ou do Oceano, aparentemente, o pecado não fora tão grande quanto no tempo de Noé. Deu de ombros, aliviado.

— Vou ver.

— Vai que nada! — respondeu D. Maria da Graça, apreensiva. — Pode catar os cacos de vidro pra mim, enquanto eu limpo o resto da bagunça.

— Mas, mãe...

— Faz o que mandei! — disse ela, num tom mais alto e ríspido do que pretendia. — E põe os chinelos.

Ratinho obedeceu, amuado, enquanto ela agachava-se para catar a toalha de mesa que fora soprada para o chão. Não entendeu o porquê da zanga da mãe. Ele não pretendia entrar na água além dos joelhos, muito menos agora, com o mar ainda bravo; no máximo, molhar os tornozelos. Só queria ver a bagunça deixada pelo temporal e, talvez, apanhar algum tesouro novo trazido bem mais do fundo pela maré.

Ela não podia revelar ao menino o motivo de sua agitação. Ela própria não queria pensar nisso. Limpar o barraco o mais minuciosamente possível era a sua maneira de desviar a atenção daquilo que martirizava seu espírito: o marido. O que teria sido feito dele na tempestade? Já ouvira histórias terríveis contadas por outras mulheres, algumas delas viúvas de pescadores. Histórias sobre o mar que não devolvia seus homens, algumas tão ruins quanto aquelas em que o mar, dias ou semanas depois, os trazia de volta... Uma parte sua queria correr para o trapiche; outra, porém, desejava retornar para a cama e enfiar-se sob as cobertas como se o temporal ainda continuasse. Respirou fundo, mordeu o lábio inferior e continuou a faxina, agora de vassoura em punho.

— Terminei — resmungou Ratinho. — Posso ir agora?

D. Maria da Graça relutou, por fim:

— Pode... Mas não demore! — falou, voz trêmula, redobrando as advertências habituais. — Ainda vou precisar de sua ajuda para terminar de limpar as coisas por aqui.

— Tá bom, mãe.

Ela sentia os joelhos ainda moles do susto. Tornou a fazer mil recomendações ao garoto e escondeu o rosto moreno nos cabelos dele quando o abraçou. Então, sozinha, a mulher permitiu-se extravasar sua maior inquietação:

— Mané!

E o mar do outro lado da janela tinha um aspecto turbulento e ameaçador, surgia de dentro do nevoeiro como se fizesse parte deste. Uma coisa viva, rastejante e macilenta, deixando partes de si a medida que se aproximava.

11 - APÓS A TORMENTA

Ratinho saiu, crente de que obtivera permissão mediante o seu argumento de que, após a chuva, os tesouros seriam mais abundantes. Sequer percebeu quando a mãe, momentos depois, retirou-se apressada de casa, vestindo uma blusa, em direção ao trapiche.

Habitualmente, ele corria de casa a cata de seus tesouros todo ávido e vivaz, despreocupado e alegre, contudo, agora era diferente. O clima opressivo e triste afetava-o também. Sentia-se um pouco como um pequeno roedor cauteloso a pressentir um felino de tocaia em algum lugar sem saber ao certo qual.

Estava difícil de caminhar pela areia por causa dos destroços. Os grandes rolos de cipó emaranhado, arrancados pelo rio até o oceano e devolvidos à praia pelo temporal, variavam de tamanho. Alguns eram enormes e o garoto precisou contorná-los. Galhos de todos os tamanhos também atrapalhavam seu avanço. Vigas e caibros. Teve muito dó de uns filhotes de pardal mortos no chão, tão pequenos que nem penas ainda tinham. Não ouviu o chilrear dos pais e perguntou-se se eles teriam sobrevivido à tormenta.

— Camundongo!

O menino parou, escutando.

— Camundongo!

Quase não ouvira da primeira vez por causa da ventania nas copas das árvores. Fora mais uma impressão, uma espécie de coceira nos ouvidos, um sexto sentido.

Virou-se na direção da voz.

Tio Zaroio, em seu quiosque, estava no alto de uma escada de madeira, consertando o telhado. Apesar da friagem, vestia somente uma bermuda surrada e uma camiseta regata cheia de buracos.

Ratinho foi até lá.

— Oi, tio!

— Essa tempestade foi das boas, moleque.

— Fiquei com medo...

— Nem fale.

— Ficou com medo, tio?

— Eu? Raios, pivete, e eu lá sou homem de ter medo do mar?

— Ficou? — insistiu, provocando.

— Não, só me borrei todo nas calças — respondeu o velho pescador sem o menor pudor, rindo e resmungando alternadamente, piscando o olho torto — o esquerdo — para o garoto. Quase perdeu o equilíbrio. — Chééé! Foi uma bosta, moleque, uma bosta das grandes! Só não vá contar para a sua mãe que eu te falei isso. Eu nego!

— Que foi bosta?

— Não... que foi grande! — E riu a toda voz, sentindo-se jovem novamente. — Ah, pivete, só você mesmo... Mas a coisa foi feia pra diabo. A ventania arrancou um punhado das minhas telhas e choveu de montão aí dentro. Um aguaceiro daqueles de dar dó. Mas eu tive sorte... muita, muita sorte. Se o quiosque ainda tivesse o telhado de sapê, eu estaria fu... perdido. Perdido! É... E sua casa, como ficou?

— Fez sujeira, tremeu tudo, esparramou todas as coisas, mas não destelhou — respondeu, sentindo-se melhor. Também sentira uma vontade enorme de fazer xixi, todavia, segurara o máximo que pôde, agarrado à mãe. Mas isso era algo que Tio Zaroio não precisava saber... Era bom rir outra vez, achar graça das coisas. — Papai tinha amarrado as telhas com arame.

O velho desceu a escada. Encostou-se na parede de tijolos aparentes e pôs-se a observar o mar agitado, pensativo.

Sobre as águas, acima do nevoeiro, uma cobertura de nuvens em diferentes matizes de cinza, camadas e formas movia-se vagorosamente. Seria bonito sob outras circunstâncias.

Por acaso, Tio Zaroio coçou a pele coriácea do lado do corpo através de um dos buracos da camiseta.

Pernilongo.

— Camarada esperto... — murmurou. — Ele já voltou?

— Ainda não.

Tio Zaroio assentiu. Observou as ondas espessas devido a espuma: continuavam a trazer destroços do rio para a praia. Pretendeu dizer algo, porém, conteve-se, apertando os lábios murchos. Voltou-se para o menino, fazendo-lhe um cafuné nos cabelos encaracolados. Sorriu.

— Esperto... Vê-se bem a quem você puxou.

— Minha mãe gosta de ler — retrucou Ratinho, começando a impacientar-se.

— Sim, sim... Ela também é esperta. "A Senhora dos Livros". Vamos, então, dizer meio a meio. Hã... arame você disse? Ah, claro, agora eu me lembro, ele se preveniu

depois das últimas ressacas. Sim, eu me recordo. De minha parte, Camundongo, vou é cimentar estas telhas. Quero só ver outra ventania danada tentar alguma coisa por estas bandas. Só se levar o quiosque inteiro! Mas verdade seja dita: eu não me recordo de ter visto uma tempestade tão forte; não aqui na praia. E olha que eu já vi muita coisa nesse mundão...

— Foi um dilúvio!

Tio Zaroio ficou pensativo, semblante turvo, rugas mais pronunciadas e balançou a cabeça.

— Sim, na baixada foi sim, um dilúvio. Ah, os pobres diabos perto do manguezal... coitados. Mas, e você, pivete, o que está fazendo a essas horas?

— Vou pegar tesouros!

— Com esse tempo? Poxa, você não desiste. Boa sorte, moleque. — O velho lançou um olhar pela extensão da praia até esta ser envolvida pela neblina. — Se puder chamar essa sujeirada de "tesouro"... Penso que irá achar um monte de bosta de cachorro e, quem sabe, umas "pedras" pretas por aí, Camundonguinho.

— Dinossauros! — gritou o menino, seguindo animado o seu caminho. — Dinossauros!

— Bosta de dinossauro! — gritou o velho pescador.

Ambos riram.

O homem idoso balançou a cabeça, enquanto coçava a barba. Somente a inocência de uma criança para sorrir e alegrar-se após uma tempestade daquela e enxergar tesouros em meio à devastação. Voltou-se para o telhado e o longo trabalho que ainda teria pela frente.

— "Dinossauros"... — resmungou o velho pescador. — Uma bela e grande bosta de dinossauro, isso sim!

Por um minuto, perguntou-se como seriam as fezes daquelas enormes criaturas. Ralhou consigo.

— Velho besta!

Recordou-se, então, das vezes em que fora apanhado pela fúria do mar. Suas mãos calejadas estremeeceram involuntariamente à lembrança daquelas ondas do tamanho de montanhas. Os gritos tornados surdos pela ira das águas no costado. Mãos sangrando no cordame. O cheiro de eletricidade, de mar e de pavor. Pulmões prestes a explodir. Vento e chuva chicoteando seu rosto. Relâmpagos cegando a vista. Trovões estourando os

tímpanos. E o compadre Cícero que nunca mais foi visto. Impossível não se acreditar em demônios, monstros marinhos e uma força maligna por trás de tudo aquilo.

Sentiu um arrepio subir-lhe pela espinha.

— "... doce morrer no mar...", só se for na música. Doce uma ova de sardinha!

Deu uma última olhada no garoto, agora longe; era uma mancha perto da espuma sendo engolida pela neblina, dissolvendo-se.

— E eu lá sou homem de ter medo do mar? — repetiu para si sem esperar resposta.

Tio Zaroio já sabia qual seria.

12 - A VOZ DO OCEANO

O nevoeiro ainda era forte.

Apesar de estar se dissipando, a visibilidade ainda era nula a cerca de duzentos metros. Era como caminhar no interior de uma nuvem. Fazia os arredores assumir ares estranhos, diluindo os contornos da realidade para uma forma de sonho acordado. As coisas aparentavam mover-se mais lentamente; e os sons, mais abafados. Casas e árvores transformavam-se em borrões. Pessoas dissipavam-se em fantasmas.

Ratinho olhou para trás. Mal conseguiu distinguir o quiosque do velho pescador, agora transformado em vulto. Pôs-se a apanhar suas conchas; havia algumas grandes, como nunca vira, e ainda com o molusco dentro, remexendo-se. Atirou-as de volta na água. Observou casualmente uma solitária garça branca a esperar por algum peixinho incauto na beira d'água. Como previra Tio Zaroio, achou muitas "pedras pretas", mais do que no dia anterior. Apanhou aquelas que, por alguma razão, distinguia-se das outras: tamanho, formato, alguma incrustação diferente. Reparou na quantidade de siris e caranguejos mortos, alguns desmembrados. Havia peixes de diferentes espécies também, entre eles um ou outro com o qual não estava familiarizado. Urubus fartavam-se. Encontrou fragmentos de recifes. Um deles ainda continha um ouriço-do-mar. Cauteloso para não se espetar, pegou-o e jogou de volta na água apesar da inutilidade do gesto: as ondas espumosas teimavam em trazer de volta. Pelo visto, o rebuliço não se limitara à superfície. Pensou em como seria um "temporal" nas profundezas do mar.

A manhã avançava e o nevoeiro desaparecia cada vez mais depressa. Logo, como de praxe, uma equipe de coletores da prefeitura, vestida de uniforme cor de laranja, viria reunir em pequenos montes tudo aquilo que pudesse recolher com suas pás e ancinhos. Mais tarde apareceriam os caminhões com suas cabines e caçambas de um branco sujo, desgastados pelo uso e pela maresia para carregarem todo o lixo até o aterro. O trabalho mais pesado ficaria por último, a cargo de um trator: ele cuidaria de encher os caminhões de troncos e fardos de cipó entrelaçado. Nesse intervalo, porém, aposentados sairiam de suas casas trazendo suas varas de pesca e bombas de sucção para apanhar corruptos e utilizá-los com isca. Moços e moças viriam caminhar ou correr, com bom ou mau tempo, exibindo seus corpos tonificados ou suas celulites de maracujá.

O sossego, o momento mágico, terminaria.

Ratinho apressou-se.

Aos poucos, sua alegria foi sumindo, dando lugar novamente àquele sentimento de apreensão que o acometera ao deixar o barraco. Não soube dizer o porquê. Seria por causa da lembrança dos filhotes de pardal? Dos caranguejos e siris? Seria a sujeira predominante na praia? Seria o céu cinzento e a névoa a roubar as cores? Não conseguiu traduzir suas emoções em palavras. Surpreendeu-se ao perceber que até apanhar seus tesouros deixara de ter graça.

Era um sentimento de tristeza, pesar, urgência... e medo. Tudo misturado.

Então, repentinamente, parou. Era como se tivessem colocado a mão em seu peito, impedindo-o de prosseguir. Um zunido dentro de sua cabeça. Algo.

— Como?...

Pôs-se a ouvir, intrigado.

Percebeu somente o vento na folhagem e as ondas a quebrar.

Estranho...

E aconteceu outra vez.

Foi novamente como se um sexto sentido o alertasse.

Manchas coloridas faiscaram diante de seus olhos feito *flashes* fotográficos.

— Quem...

Um arrepio súbito subiu por seus braços.

A neblina afastou-se mais adiante.

Assim, naquele momento congelado no tempo, ele percebeu.

Comprimiu as pálpebras.

Havia uma mancha escura na extremidade oposta da praia. Aparentava ser mais uma pilha de entulhos ou vegetação àquela distância, cujos detalhes eram imperceptíveis; era mais como um borrão. Contudo, um bando de gaivotas sobrevoava o local. Nenhum entulho ou vegetação chamaria a atenção das aves oportunistas daquela forma.

Normalmente, algo assim seria mais do que o suficiente para atizar a sua curiosidade e fazê-lo correr na direção daquilo que chamara sua atenção. Agora, porém, sentiu-se intimidado, ou, pelo menos, dividido. Talvez fosse pelo medo que atormentara a ele e sua mãe durante a noite. Ou, quem sabe, o vento ainda frio que vinha do oceano, de dentro do nevoeiro, fazendo-o recordar-se de um certo religioso a vociferar para o céu. Podia ser o cenário geral de melancolia, tão diferente da manhã de sol do dia anterior. Ou aquela coisa estranha que o fizera estacar subitamente havia pouco.

— O que será? — balbuciou. — Tesouros...

Deu um primeiro passo hesitante. Sentiu a areia molhada segurar o chinelo.

Uma onda veio morrer aos seus pés. Estava gelada. Fez uma careta para a espuma pegajosa.

Andou novamente. Os chinelos deixavam depressões que logo desapareciam.

Uma brecha surgiu entre as nuvens.

Olhou para o céu: o tempo iria melhorar. Ao invés de tranquilizá-lo, deixou-o mais inquieto.

Não tardaria para as pessoas darem à praia, especialmente os funcionários da prefeitura. Se Ratinho queria saber o que era, deveria apressar-se antes deles recolherem tudo.

Forçou-se a acelerar o passo.

As ondas continuavam a bater fortes. A friagem fazia todo o seu pequeno corpo tremer. O vento agitava seus cabelos encaracolados. Começou a correr, esquecido dos avisos repetidos de D. Maria da Graça para que não se afastasse em demasia da cabana. A areia ainda procurava retardá-lo. Subitamente, a tira de um dos chinelos arrebentou. Ratinho chutou-o para longe e desvencilhou-se do outro. Agora, podia correr a vontade.

À medida que se aproximava, Ratinho começou a distinguir detalhes daquele amontoado de detritos: emaranhado de algas, restos de corda, uma rede em frangalhos, ramos quebrados, garrafas descartáveis. Percebeu ainda que, as gaivotas, não obstante continuassem a sobrevoar o local, não pousavam; limitavam-se a descrever círculos e a grasnar inquietas.

O menino estava nervoso. Não sabia explicar o motivo, porém, sentia-se assim. Olhou ao redor. Ainda havia resquícios de neveiro a cobrir a maior parte da paisagem e não conseguia avistar quem quer que fosse por perto. A sacola plástica com seus tesouros recém recolhidos ficara para trás, junto aos chinelos, sem que desse conta disso. Observou novamente as gaivotas, intrigado. Desconfiado, respirou fundo, tentando cheirar algo de ruim no meio de tudo aquilo. Havia alguns peixes, porém, tinha morrido havia pouco tempo, junto com a tempestade.

Observou mais de perto.

Então...

... subitamente...

... ele viu.

— Aaa! — gritou, dando um pulo para trás, caindo sentado na água.

No meio daquela confusão, ele distinguira algo.

Tudo, menos um "tesouro".

Um braço.

Seu corpo ficou completamente arrepiado. Olhos arregalados. Levantou-se, assustado, mal se dando conta da sensação gelada em seu traseiro e pernas. Involuntariamente, seu olfato tentou detectar novamente alguma coisa. Não, nada de diferente além do odor da própria maresia. Isso não o tranquilizou. Não seria a primeira vez que via uma pessoa afogada surgir na praia. Não era uma visão nada bonita — a pior, a bem da verdade —, e todas as ocasiões anteriores trouxeram-lhe sonhos ruins depois. Fitou novamente a sua volta. Embora pudesse ver os raios de Sol surgirem entre as nuvens, formando a "palma divina", ainda era cedo. Ficou sem saber o que fazer. Pensou em D. Maria da Graça e, por um momento, sentiu-se tentado a dar meia volta e disparar em direção à segurança de casa.

Nesse instante, o braço moveu-se.

Algo como um zumbido forte penetrou no cérebro do menino.

— Uai! — berrou Ratinho, caindo de novo para trás, sentindo a água gelada ensopar completamente sua bermuda. Levou suas pequenas mãos às têmporas. — Que diacho é isso?

O braço destacou-se daquele emaranhado, agitando-se.

O que quer que fosse continuou a fazer eco dentro de sua cabeça, como se o uivar do vento reverberasse no interior de uma concha vazia, mais agudo e sem fim. Tapou os ouvidos. Foi inútil.

Deu meia volta e correu dali. Mal percorrera cinco longas passadas, o menino deteve-se. Decerto, quem quer que estivesse lá dentro necessitava de ajuda e até poderia, realmente, morrer. Um instinto mais forte fê-lo correr de volta para aqueles restos. Parou junto deles.

A coisa em sua cabeça ainda o incomodava.

— Quem está aí dentro?

Silêncio.

— Precisa de ajuda? — indagou, dando-se conta imediatamente da estupidez de sua pergunta.

A pele daquele braço estava um tanto azulada.

Ratinho cogitou ser por causa do frio ou do tempo em que a pessoa permanecera na água.

Tentou arrancar as algas, desembaraçar os restos de corda. O pior foi a rede. Havia peixes mortos naquele amontoado — a provável razão do bando de gaivotas —; alguns eram grandes, enormes, um lamentável desperdício. Se ao menos tivesse uma tesoura ou uma faca...

Olhou para os lados, para a areia, procurando alguma coisa. Achou uma garrafa de vidro quebrada nas proximidades. Usou-a para cortar a rede e as cordas. As algas foram fáceis de romper. Mas Ratinho era franzino, os braços finos, as mãos pequenas.

O zumbido dentro de sua cabeça ficou momentaneamente mais forte.

Gaivotas grasnaram mais alto e mais inquietas sobre sua cabeça.

— Estou indo! — gritou, arfando.

Apressou-se como pôde. Demorou mais um pouco. Os movimentos do braço ficavam mais lentos. Então, finalmente, conseguiu libertar a parte superior daquela pessoa.

Viu as duas protuberâncias no peito dela e observou seu rosto. Ficou boquiaberto.

Era uma mulher...

... Uma mulher azul, diferente de qualquer outra cujo olhar ele tivesse depositado, incluindo as turistas estrangeiras que, de tão brancas, aparentavam ser feitas de parafina ou porcelana.

As maçãs do rosto eram altas e salientes; os olhos dela, de um azul muito claro, grandes e amendoados. A íris era vertical, como as de um gato à luz do dia. Ratinho achou isso muito estranho, embora não fosse desagradável de ver. E o que pareciam cabelos, na verdade eram como tentáculos muito finos e translúcidos, semelhantes aos filamentos de anêmonas-do-mar ou de águas-vivas, mas, ao contrário destes últimos, não "queimavam" ao toque.

Nem se deu conta de que a coisa em sua cabeça tinha terminado.

— Que-quem é você? — falou sem pensar.

A criatura emitiu um som semelhante ao de alguém tentando assobiar debaixo d'água. Os lábios eram finos e descoloridos. Estavam trêmulos.

Ratinho prosseguiu, pois ela continuava toda enroscada da cintura para baixo, nitidamente fraca e precisava de sua ajuda. Segurou-lhe o braço — era bastante liso e úmido — e, pela primeira vez, reparou nas membranas existentes entre os dedos daquela mão. Quando, finalmente, pôde libertá-la, o filho do pescador deu-se conta que um dos

peixes grandes na rede, na realidade, não era de fato um peixe, mas a metade inferior do corpo dela. Arregalou os olhos.

Ela escorregou para a areia fina da praia, arrastando consigo aqueles detritos.

Ratinho balbuciou:

— Uma sereia...

Já ouvira relatos sobre sereias, lera sobre elas assim como sobre outros seres míticos do mar e da mata. Os pescadores sempre tinham suas histórias para contar, algumas mais ou menos incríveis que outras, sempre temperadas com dramaticidade, exageros e superstições. Até Tio Zaroio possuía uma sereia tatuada no braço direito. Encarava tudo isso com um misto de curiosidade, admiração, temor e brincadeira.

Todavia, agora, era sério.

Estranhamente, não ficou amedrontado. Todos os receios que a princípio tivera, sumiram.

Lentamente, a sereia ergueu uma de suas mãos. Ratinho a segurou. Apesar de fraca, sua pressão era firme. Havia calor naquele toque. E, no rosto dela, Ratinho viu medo refletido, um medo que ele próprio deveria estar sentindo, mas não sentia. Teve pena. Ela gesticulou devagar, vacilante, apalpando sua garganta e, depois, apontando para o mar.

Ratinho aproximou-se dela.

E ele viu: guelras.

A sereia tornou a gesticular em direção as águas.

Precisava voltar.

Abriu os lábios e, novamente, emitiu aquele som sibilante.

Um outro timbre.

Um outro ritmo.

Uma idêntica origem.

Sim.

Autêntica.

A verdadeira:

A Voz do Oceano.

Se fosse um adulto, talvez Ratinho pensasse em capturá-la, prendê-la em um aquário e ganhar muito dinheiro exibindo-a pelo país ou qualquer outra coisa do tipo. Entretanto, não era de sua natureza, cuja ingenuidade e inocência permaneciam cristalinas até em relação a outras crianças de sua idade, já maculadas pela malícia do mundo.

O menino, apesar de mirrado, ajudou-a. Arrastou-a e, em que pesasse as recomendações da mãe, viu o nível do mar superar a altura de seus joelhos. A água continuava bastante fria, todavia, ele sequer deu-se conta disso. Lavou os cabelos dela e os ombros daquela espuma imunda. Depois, um tanto inquieto, observou-a mergulhar a cabeça na água e ficar um tempo que pareceu demasiado. Só se tranquilizou a vê-la emergir, percebendo-a mais revigorada, apesar de abatida.

Sentiu uma coceira no cérebro. Não machucava mais.

Subitamente, de soslaio, avistou as primeiras pessoas aparecerem lá longe. Não eram os garis da prefeitura. Outros garotos. Outros filhos de pescadores. Começaram a correr na direção de Ratinho, do monte que, ao longe, assemelhava-se a um borão, e na direção... dela!

Instintivamente, Ratinho ficou apavorado, dominado por um sentimento de urgência.

— Precisa ir... Precisa ir agora!

Acelerou seus esforços para levar a sereia ao mar.

A água já alcançara o peito do menino.

O vento trouxe-lhe os gritos e as risadas das crianças. Um ou outro era seu amigo, reconheceu-os; os demais, não.

Finalmente, sentindo-se nas pontas dos pés e engasgando com a água conforme o movimento das ondas, percebeu os braços de diferentes tonalidades de azul libertarem-se dos seus. O corpo lúcido, antes flácido, encontrava-se agora recuperado. A enorme cauda espanou a água, erguendo um leque de espuma. Nadou brevemente em torno do menino. Olhou para ele direto nos olhos. Os olhos grandes, amendoados, de um mundo desconhecido encarando os olhos pretos de uma curiosidade infinita. A água escorria pelos cabelos translúcidos, descendo pelos ombros e braços da sereia. As guelras se abriam e se fechavam devagar. A seguir, ela retirou um colar de seu pescoço e deu-o a ele. Então, sumiu nas águas escuras deixando atrás de si um redemoinho.

Com o movimento, Ratinho deu-se conta de ir ainda mais para o fundo. Engasgou-se com a água do mar e ficou apavorado. Agitou-se. Pensou em D. Maria da Graça, esperando-o em casa, aguardando seus tesouros e suas histórias.

— Mãe!

A cabeça afundou. Sentiu um ardor dentro do nariz. Conseguiu erguer-se movimentando desordenadamente os braços e as pernas. Inseguro e incerto. Tossiu. Embora fosse filho de pescador e passasse a maior parte do tempo junto ao mar, ao

contrário de seus coleguinhas, não aprendera a nadar. Motivo de chacota e isolamento em inúmeras ocasiões. Motivo de apreensão agora.

A correnteza ameaçava levá-lo.

Ficou desesperado.

Então, para seu alívio, sentiu ser empurrado para o raso por mãos invisíveis sob a água até os pés ficarem mais firmes.

O zumbido em sua mente agora era suave, agradável, quase musical.

Acalmou-se.

Podia sentir algo imerso mover-se nas proximidades. Contudo, não tornou a vê-la.

Arrastou-se até a margem, ofegante, sem se importar com a espuma.

Os meninos vieram logo depois. Fizeram muitas perguntas.

Ratinho, semblante distante, limitou-se a balbuciar:

— Golfinho... Golfinho!

Voltou para casa devagar, completamente absorto, enquanto as outras crianças agitavam-se ao redor do emaranhado de vegetação, rede, garrafas descartáveis e peixes mortos.

Teria acontecido?

Teria visto o que acreditava que vira?

Teria sentido a textura daquela pele azulada?

Teria observado a intensa profundidade daquele olhar?

A sacolinha plástica ficou esquecida na praia. Os chinelos também. Até a garrafa quebrada, para perigo de todos.

Tio Zaroio terminou seu concerto.

Funcionários em uniformes alaranjados chegaram, reclamando da imundície. Os caminhões de um branco encardido vieram a seguir, afugentando os meninos. A limpeza levou um tempo enorme... e ninguém ganhou hora extra. O trator amarelo apareceu, completando o serviço.

Gaivotas continuaram a descrever seus círculos sobre a praia até, finalmente poderam pousar e banquetear-se com as sobras.

No final das contas, para Ratinho, havia encontrado de fato um tesouro.

Mais do que conchas.

Mais do que cascas de siris.

Mais do que fragmentos de coral.

Mais do que seixos ou olhos-de-boi.

Mais do que "pedras pretas" e dinossauros.

Mais do que esqueletos de bolachas-da-praia.

Mais até do que o dente de tubarão do Tio Zaroio.

O seu maior e real tesouro.

A Voz do Oceano.

13 - MANÉ E GRACINHA

Ao término da manhã daquele dia, um barco sem mastro, todo estropiado, velho e fumegante surgiu no horizonte. Foi crescendo, crescendo e crescendo. E ancorou na beirada do trapiche.

D. Maria da Graça estava lá, cansada, sonolenta e aflita, observando o proeiro desembarcar. Sentia frio. O vento batia no rosto moreno, levando os cabelos longos para trás dos ombros. O cheiro de suor e de peixe pairava no ar. Ouviu murmúrios sobre a tempestade, a força das ondas, o medo e algo mais que não soube definir. Normalmente, ela poderia sentir um olhar ou outro de esguelha sobre o seu corpo. Não se sentiria lisonjeada, tampouco ofendida. Homens eram homens e sempre seriam. Dessa vez, todavia, nada. Embora a salvo, não havia entusiasmo algum por parte dos pescadores em contar suas histórias e bravatas. Existia algo no olhar de cada um deles; não era bem terror — muito embora tivessem ficado aterrorizados —, mas estupefação. Ela franziu a testa, inquieta. Suas mãos comprimiam uma a outra, cada vez mais ansiosas a medida que a embarcação esvaziava e os frutos da pesca eram colocados em engradados plásticos. Uma pergunta relutava em sair-lhe dos lábios. Onde estaria ele? Por fim...

— Mané!

O pescador cansado, ainda na popa, acenou.

— Gracinha!

Ele estava esgotado, mas vivo. Vivo!

O alívio tomou conta dela, arrancando-lhe um peso do peito. Correu em direção ao marido, não se importando com as lágrimas.

— Oh, Mané...

— Ah, mulher, eu tô aqui.

— Você voltou!

— Voltei sim, mas não tão cheio de peixe como você queria...

— Estou farta de peixe! — desabafou.

— Ei, que choro é esse? E o moleque?

Ela ignorou as perguntas.

— Você voltou — repetiu, feliz, como se isso justificasse qualquer coisa. — Você voltou.

Ele observou-a um instante, voltou seus olhos para as redondezas e compreendeu.
Abraçou-se a ela.

— Vamos para casa — falou, cansado.

14 - SEGREDO

Na cabana, Ratinho aguardava paciente. Normalmente, estaria aborrecido, amuado, resmungando sobre a ausência sem aviso da mãe, mas não agora. Aparentava calma por mais inquieto que se sentisse por dentro. Talvez "inquieto" não fosse o termo correto, mas algo como... estatelado. Em outras ocasiões, estaria todo serelepe, dando pulos, contando animado sobre suas aventuras, tudo o que vira e ouvira. Agora não. Estava excepcionalmente taciturno, preservando seu tesouro só para si, temendo que, se falasse, algo dele se perderia para sempre.

Mas o sentimento predominante em todos era de alívio. Alívio e alegria. Cada qual com seus motivos.

Manoel, homem rijo de altura mediana, têmporas grisalhas, sem um pinga de gordura e todo batido de sol trouxe, além dos peixes, uma história inacreditável. Enquanto dois robalos dividiam o fogo do forno a lenha ao lado de uma panela de arroz, contou sobre como, a vista do temporal, o mestre do barco tomara a difícil decisão de, em vez de retornar ao trapiche, seguir a barlavento, avançar para o alto-mar na direção da tormenta, antecipando-se a ela antes desta desabar sobre eles com toda a sua força. E ainda pescando. Trabalhando até o último momento. Isso não tornara a viagem menos perigosa. Gesticulou os braços, ora imitando o ameaçador movimento das ondas e a maneira como elas batiam de encontro ao casco, ora demonstrando o jeito da embarcação subir e descer a mercê da turbulência do oceano, semelhante a tentar montar em um cavalo selvagem, porém muito, muito pior.

— Então, a tempestade chegou.

— Sentiu medo? — perguntou Ratinho, um tanto ausente.

Ao contrário de Tio Zaroio, Manoel confessou abertamente:

— Bastante. — E completou: — Mas o mais incrível da história ainda estava para acontecer.

— O que foi, pai?

— Quando o tempo apertou de vez, recolhemos a rede. Estava tão pesada que o cabo estalou e, com o movimento do mar, o navio pendeu para um lado — inclinou o corpo, demonstrando. — Foi muito perigoso.

— Uma baleia? — perguntou a esposa.

— Antes fosse... Eu vi uma coisa estranha mexendo-se no meio dos peixes.

Ratinho, distraído com uma das "pedras pretas", voltou-se para o pai.

"Coisa"?

Manoel continuou, despercebido da reação do menino:

— Tinha pescoço. Baleia não tem pescoço... e — escute isso — braços! Parecia gente, Gracinha, mas não era gente não.

— Está de brincadeira...

— Sério, Gracinha!

O menino, agora completamente alerta, aproximou-se mais.

— Hã, e... a... O que aconteceu, pai?

Nesse ponto, Manoel vacilou. Deu de ombros.

— Bom... hã... Conseguiu escapar... A rede... O temporal... A rede sumiu no mar. Foi isso: sumiu...

O menino recordou-se de sua própria aventura na praia. A rede não se partira sozinha: fora cortada. Percebera isso enquanto ele próprio a rasgava com o caco de vidro.

No final do dia, à luz do lampião, barriga cheia, banho tomado, o pai confessou ao Ratinho — ambos sentados na soleira da velha casa de madeira: ao contrário da vontade dos outros pescadores, libertara a coisa.

D. Maria da Graça já dormia, exausta de tudo pelo que passara.

O menino sussurrou:

— Por quê?

O pai meneou a cabeça antes de responder, como se buscasse a resposta de um rincão mais profundo em sua mente.

O mar mumurava mais além, na maré baixa. Mal fazia recordar a fúria da noite anterior.

Sorriu.

— Falei para os meus colegas que fora por causa do barco: ameaçava adernar. Mas não foi isso...

— O que foi?

Manoel encarou o menino.

— Eu vi os olhos dela.

— "Ela"?

— Isso, filho... ela.

Para qualquer outra pessoa, isso soaria enigmático, absurdo, todavia, não para Ratinho. Relembrou aquele olhar. Estendeu o braço mirrado e entregou o colar da sereia para Manoel. Era um conjunto de conchinhas fossilizadas e, entre as maiores, havia uma pérola negra do tamanho de uma bolinha de gude. Hesitante, contou por fim o lado inacreditável de sua própria história. O epílogo dessa estranha aventura.

A noite chegava de mansinho.

O pescador soltou o ar de seus pulmões audivelmente, como se isso tirasse um peso de seus ombros.

— Já ouvi um monte de coisas, filho, mas nunca acreditei nessas conversas de sereia, lara ou mãe d'água. Mas, agora, fico pensando nelas... E em tudo que o mar tem escondido. Conheci um marujo, veio do estrangeiro. Nome difícil de dizer... Chamava-o de Alemão, o que o deixava doido da vida porque o pai dele lutara contra os nazistas ou coisa assim. Contou-me um caso terrível. Na época, eu não acreditei. Ri na cara dele. Era incrível demais para ser verdade.

— Ele também viu uma sereia?

Manoel sorriu. Soltoou uma baforada de seu cigarro de palha. O vento dispersou a fumaça rapidamente. A folhagem dos coqueiros farfalhava contra o poente. Insetos zumbiam nas proximidades. Deu uma nova tragada antes de responder.

— Uma não... Um montão delas.

Ratinho arregalou os olhos.

— "Montão"? Conta pra mim! — implorou.

— Shhh! Fala baixo... Deixe sua mãe dormir.

— Tá bom.

— "Está bem"... Como sua mãe ensinou.

— Está bem, pai.

Manoel sorriu outra vez, abraçando o filho.

— Vou falar, mas tem que prometer nunca espalhar essas histórias. Nem a sua... Promete?

Ratinho pensou um momento. Respondeu:

— Prometo.

— Será o nosso segredo.

15 - CAÇA E CAÇADORES

O cardume avançava rapidamente sob o mar.

Cortava as águas tão ágil e facilmente quantos os albatrozes rasgavam o céu.

Ondulavam seus corpos brilhantes em rápidas manobras: revolteavam, ziguezagueavam entre si, por vezes, pulavam sobre a superfície estirando os braços como se também quisessem voar sobre os mares...

... Braços?

Sim.

Braços...

... Sereias.

Centenas delas nadavam em conjunto, rente às ondas, guiadas pelo luar, pelas estrelas, pelos sons que somente elas podiam ouvir.

Um chamado longínquo.

Um clamor de socorro.

E elas responderam.

Escutaram das profundezas, de onde claridade alguma conseguia atingir, de onde o frio e o tempo, quase tão antigos quanto a eternidade, permaneciam incólumes.

E vieram.

Dezenas, centenas, milhares.

Uma gigantesca espada de prata a ondular sob o oceano.

Lá longe, fazendo da noite sua cúmplice, barcos tinham cercado os golfinhos e os delfins.

Arpões tinham sido lançados. Carnes foram rasgadas.

Sangue, gritos agudos e dor.

O odor de morte misturara-se à maresia.

Homens sem piedade içavam corpos ainda vivos para os conveses.

E retalhavam.

A longa distância tornara-se menor.

O cardume avançava e avançava.

Beldades de mitos.

Uma beleza em fúria.

E as sereias chegaram.

Agindo como se fossem uma única criatura, afundaram um barco após o outro.

Novos gritos cortaram a noite. Gritos graves. Homens ao mar.

Caçadores tornaram-se a caça.

A lua de prata assistiu a tudo na sua glacial quietude.

Estrelas caladas cintilaram seu assombro.

O mar tornara-se mais rubro.

Escarlate dissolvido na escuridão.

Nenhum tubarão atrevera-se a chegar mais perto.

Sereias.

Tão belas quanto ferozes.

A vingar a irmandade ferida.

Não tardara para as águas aquietarem-se.

Breve, nada pareceria revelar a extraordinária batalha.

Golfinhos sobreviventes emitiram gritos de agradecimento.

Delfins remanescentes nadaram junto as damas dos mares.

Corpos lúzidos refletiram o luar uma última vez, antes de retornarem às águas profundas.

Mas um grumete sobrevivera.

Agarrado a um destroço, mais morto do que vivo... Sobrevivera.

Nunca mais entrara em um barco.

Nunca mais pescara.

Nunca mais deixara de pisar em uma praia sem que um tremor involuntário subisse-lhe pelas pernas.

Elas jamais saíram de sua mente, de seus pensamentos, de seus sonhos e pesadelos.

Todavia, ele nunca falara.

Exceto uma vez, para um amigo de terras distantes.

Incrédulo. Sarcástico.

Melhor assim.

De um modo peculiar, o grumete sabia haver sido enfeitiçada por elas...

... pelas incríveis guardiãs do mar...

... as sereias.

16 - CASA NOVA

Poder-se-ia finalizar essa aventura, dizendo que o pai vendera a pérola e, assim, conseguira adquirir o seu próprio barco, uma casa melhor para a esposa e educar o filho em uma escola na cidade. Entretanto, não fez nada disso. Deixou o colar e a pérola com o menino.

— É presente seu — justificou, fazendo cafuné nos cabelos encaracolados.

E prosseguiu a levar a vida simples de pescador, todavia, agora, havia um brilho estranho em seu olhar, um silêncio simples e profundo assomava-lhe o semblante. Uma determinação. Um propósito. Eventualmente, conseguiu economizar dinheiro o bastante para sair do barraco e dar de entrada em uma casinha mais próxima da cidade, com paredes de tijolos, piso de azulejos e um fogão a gás para D. Maria da Graça. Até uma estante ela ganhou para guardar seus valiosos livros e as peças de artesanato que costumava fazer. Ratinho, por seu turno, ganhou uma cama de verdade e um colchão de verdade no lugar daquele estrado de tábuas e o estreito colchão de palha. A partir daí, Manoel precisou levantar um pouco mais cedo e ir de bicicleta ao trapiche, mas não se importou.

Quanto ao menino, guardou o colar como um símbolo do maior de todos os tesouros que já achara na praia em todas as manhãs de sua vida. Contudo, ele sabia: o maior tesouro, na verdade, fora a voz e o olhar da sereia, o toque firme de seus braços, o agitar frenético e livre de sua cauda em leque na superfície do mar. Ganhara novamente a liberdade e mergulhara rumo às profundezas, a um mundo — dela e de suas semelhantes — ao qual a imaginação de Ratinho fervilhava por vislumbrar e compreender.

Nunca confessou ao pai, porém, sentiu falta de ouvir o som do mar junto à frestas do barraco, ouvir a ventania soprando nos coqueirais lá fora e admirar as estrelas silenciosas sem jamais poderem se tocar.

Foram umas férias e tanto...

17 - MAR DE HISTÓRIAS

Os anos passaram céleres na esteira do tempo.

O menino cresceu, tornou-se adulto, sempre amando o céu, o mar e todas as suas inumeráveis criaturas. O corpo mirrado desenvolveu-se de maneira surpreendente, transformando-o em um homem forte e altivo. Os cabelos cacheados cederam lugar a um corte escovinha. Os gestos impulsivos e estabanados cederam lugar a uma certa introspecção e a obediência a normas mais rígidas.

De algum modo, e estimulado pelo amor de sua mãe à leitura, conseguiu finalizar os estudos e escapar do destino de tornar-se pescador. Ao contrário do que poderia se esperar, o pai não lamentou; pelo contrário, encheu-se de orgulho.

Contudo, o Oceano estava no sangue daquele. Entrara para a Marinha e, agora — a exemplo do célebre Capitão Nemo —, comandava o seu próprio navio. A embarcação tinha o seu nome oficial, sisudo, feito de sigla e algarismos, entretanto, informalmente, Ratinho chamava-o, ou melhor, chamava-a de "*Princesa dos Mares*". Naturalmente, exceto pelos pais, ninguém mais dirigia-se àquele homenzarrão como Ratinho ou Camundongo.

O brilho permaneceu nos olhos obstinados de Manoel até o fim. Eventualmente, não pôde mais pescar. Aposentou-se, porém, passava as tardes tecendo redes para os outros ou indo prosear com outros velhos pescadores no trapiche, a compartilhar antigas histórias. Exceto uma...

D. Maria da Graça — "A Senhora dos Livros", conforme mencionara Tio Zaroio havia muito tempo, em referência aos comentários das fofoqueiras de plantão — continuou a tratar o filho como uma criança e a filosofar a sua maneira, pensando em estrelas que não falavam e coisas assim. Da última vez que Ratinho a vira, chovera. Enquanto ela mirava as próprias madeixas grisalhas no espelho, dissera meio que para ele, meio que para si na sua voz ainda melodiosa:

— Se o tempo pudesse ser medido em uma gota de orvalho, teríamos a eternidade diante de nossos olhos em uma tarde de chuva.

Ratinho fitara a mãe, franzindo a testa. Em troca, ela dera-lhe um meio sorriso através do espelho. Ele perguntara-se, então, até que ponto a mãe estivera realmente dormindo naquele início de noite, quando pai e filho conversaram na soleira do barraco. Fosse qual fosse a resposta, isso não mais fazia Ratinho sentir-se só ou isolado. Podia

compreender o mundo dela, admirá-lo, e, num certo sentido, alcançá-lo e fazê-lo tornar-se parte do seu.

— Qual era o nome dela? — ousara, enfim, perguntar.

— De quem?

— De minha irmã.

Calara-se ela de súbito, desviando o olhar. Respondera:

— Era muito nova, Ratinho. Não houve tempo... Sequer um retrato dela nós temos.

— Mas a mãe já tinha pensado nisso, não tinha?

Ela anuíra.

— Camila. Iria se chamar Camila.

Seria possível sentir a falta de alguém que nunca conhecera?

— Camila — repetira ele. — Camila.

E, juntos, mãe e filho foram até a varanda no fim da tarde, observar o tempo sem fim a verter do céu.

Tio Zaroio teve um destino estranho: um dia, antes da formatura de Ratinho, sem falar nada, quase sem poder andar por causa de problema na coluna, apanhou uma canoa, fez funcionar o velho motor e desapareceu no mar. Nunca mais foi visto e nem a canoa. Disseram que ele tinha uma doença incurável ou algo assim. Verdade ou não, no íntimo, ele nunca deixara de ser um pescador. Ratinho, de uniforme branco na beira do cais, lembrou aquela manhã perdida no tempo, quando o pescador falara-lhe sobre as "pedras pretas" e a corajosa garoupa. Sim, o menino — agora homem feito — conservara carinhosamente consigo o amarelado dente de tubarão. Perguntou-se se Tio Zaroio não teria escutado, vindo do fundo do mar, aquele som de assobio. O "canto". A Voz do Oceano. E partira a procurá-lo como no velho mito, atrás da figura que, sem sequer imaginar, um dia tatuara no braço. Claro que, para Ratinho, isso era só uma maneira poética de ver as coisas, um jeito de disfarçar a tristeza pela perda do idoso amigo. Tio Zaroio, por sua vez, retrucaria, piscando o olho torto: "Neste mundo de Deus, tudo é possível".

No comando de seu navio, Ratinho enfrentara inúmeras situações, incluindo tempestades em alto-mar. Afirmar que o medo não existia seria exagero — para não dizer mentira, arrogância ou hipocrisia —, mas coexistia ao lado de tudo isso o respeito. Uma grande bosta de dinossauro! E ele aprendera a não tomar a história do Dilúvio ao pé da letra. Deus jamais destruiria inutilmente as suas amadas criaturas. Ao invés disso,

procurava ler nas entrelinhas as intenções dos escribas, suas metáforas, suas lições de moral e suas interpretações à vontade divina.

Ah, o mar estava repleto de histórias.

A épica vida de suas criaturas.

Naufrágios sem resposta.

Cidades submersas.

Belezas sem fim.

E todas às vezes de manhã, enquanto navegava, Ratinho caminhava até a proa. Observava a distância, num misto de pesar e melancolia, a expansão das refinarias na orla onde antes havia os coqueirais de sua infância. Então, resignado, voltava-se na direção do mar aberto, sentindo-se revigorar diante do vento a bater-lhe no rosto. E o "*Princesa dos Mares*" avançava resolutamente feito um gume de machado. Ratinho deixava, então, a vista percorrer livre a superfície do oceano, estivesse ela calma ou agitada. Nesses momentos — seus subordinados já sabiam —, ele queria ficar só, e não o perturbavam. E, a cada vez, ele levava a mão ao peito, tocando sob o uniforme imaculado o pingente no qual trazia uma misteriosa pérola negra.

Golfinhos brincalhões sempre chamavam a sua atenção. Nadavam velozes mais a frente do navio. Vez ou outra emitiam aqueles sons estridentes de alegre falsete.

E ele ficava a olhar e olhar, a ouvir e ouvir.

Eles sabiam. Eles conheciam.

E Ratinho recordava-se.

E perguntava-se.

Ora concentrado.

Ora perdido.

— *Princesa...*

Ah, ele se lembrava.

Daqueles olhos verticais.

Daquela tez da cor do céu matinal.

Daqueles cabelos de anêmona-do-mar.

E do estranho assobio submarino. Sim, a voz dela:

A verdadeira e única Voz do Oceano.

E ele prosseguia, dia a dia, ano a ano.

Imaginando.

Navegando.

Olhando ...

... procurando.

18 - POEMA

E, na proa do navio, fitando mais uma vez o horizonte, o vento frio em suas faces, o comandante recitou o poema que escrevera ainda na faculdade, quando a mãe havia muito já inoculado em seu espírito o amor pelas letras e pelos livros. De tanto que o pronunciara, decorara os versos.

Vinham-lhe com facilidade à mente e aos lábios.

Menos como uma prece.

Mais como um louvor.

Ainda assim, a velha magia, o fascínio, faziam-se presentes:

*Na escuridão da noite,
a Voz do Oceano...
Ora um bramido,
Ora um murmúrio,
Ora um ronronar,
Ora um rugido.
No vai-e-vem do costado,
com o vento, os respingos.
Nas profundezas de seu abismo,
um chamado, um convite.
Como é frio o Oceano,
em seu toque antigo.
No silêncio,
Nas trevas,
Na perpétua imobilidade
de quem desafia o tempo,
apesar da intempérie,
da força do vento.
Sem sonhos,
nem planos.
Simplesmente eterna,
a Voz do Oceano.*

NOTA DO AUTOR:

Quando criança, costumava ir à praia com a família. Brincava na areia, divertia-me com as criaturas do mar que avistava no raso, onde as ondas costumavam perecer.

O mar era enorme.

O céu era desmedidamente imenso.

O som das ondas ecoava sem cessar, repetindo-se distante, no interior das conchas junto ao ouvido.

Ao observar as crianças que, hoje, divertem-se na praia, temerosas em seus primeiros contatos com a água, mas logo encantadas por tudo aquilo, não posso deixar de pensar:

Elas sempre irão amar o Oceano.

Não importa o quanto cresçam.

Não importa as vicissitudes futuras.

Não importa o quão longe estejam.

E observar o mar, nem que seja através de uma foto ou de um filme, terá o poder de despertar sempre algo de bom de dentro de si e, provavelmente, em meio a um olhar distante, arrancará um suspiro.

Sim, elas sempre irão amá-lo.

Como, desde então, eu amei.

RS - 03/06/2017

BIOGRAFIA

Roberto Schima

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação à "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série Trevo Negro de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio O Monstro Invisível, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Isaac Asimov Magazine (Ed. Record), pela história Como a Neve de Maio. As histórias Abismo do Tempo e O Quinto Cavaleiro foram contempladas pela revista digital Conexão Literatura, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital LiteraLivre, de Ana Rosenrot. O conto Ao Teu Dispor foi premiado na antologia Crocitar de Lenore (Ed. Morse). Escrevi: Pequenas Portas do Eu, Limbographia, O Olhar de Hirosaki, Os Fantasmas de Vênus, Sob as Folhas do Ocaso, Tio Vampiro, Cinza no Céu, Era uma Vez um Outono, Vozes e Ecos, Caçada no Planeta Duplo, Através do Abismo, Imerso nas Sombras etc. Participei de trezentas e noventa e duas antologias.



Contato:
schimaroberto@gmail.com

Mais informações: Google ou nos links abaixo.
<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

<https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22>

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

https://loja.uiclap.com/?s=roberto+schima&post_type=product